

OS DIFERENTES TIPOS DE CAPITAL MOBILIZADOS NO CONTEXTO FAMILIAR E O ACESSO DOS JOVENS A MUSEUS

CAZELLI, Sibeles. (MAST/MCT – sibeles@mast.br)

FRANCO, Creso. – PUC-Rio – creso@edu.puc-rio.br)

GT: Sociologia da Educação / n. 14

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Introdução

No contexto atual, ganham relevância questões sobre a demanda cultural para a inserção na sociedade contemporânea. Estes aspectos têm levado muitos autores a insistir em que a promoção da cultura seja desenvolvida por uma rede de instâncias culturais. Os museus como ambientes que possibilitam intensa interação social vêm ocupando lugar de destaque nesta rede.

Ao longo dos anos, tanto a pesquisa como as práticas educacionais e comunicacionais relacionadas às exposições e/ou às atividades em museus têm se intensificado, configurando, cada vez mais, um campo de produção de conhecimento. Nesta via, estudos e ações têm sido utilizados na tentativa de disponibilizar o conhecimento científico de forma acessível e com qualidade para seus visitantes.

Outro ponto importante diz respeito à pluralidade das culturas urbanas, à sua variação nos cenários de interação social e à emergência de novos padrões de gosto, o que tem se constituído em objeto de estudo da sociologia da cultura. Inúmeros autores sinalizam uma alteração nos padrões de consumo cultural em virtude do impacto da globalização da cultura. García Canclini (2000) ressalta a diminuição de frequência a espaços públicos relacionados à oferta cultural clássica, em consequência das características de complexificação da vida urbana, como disponibilidade de tempo, dificuldades nos deslocamentos e medo da violência urbana. Da mesma forma, Ortiz (2000) argumenta que tanto a tradição como as artes não se configuram mais como padrões de legitimidade no novo contexto mundial globalizado.

Os estudos sociológicos que fazem análises sistemáticas das políticas culturais e das tendências gerais das práticas culturais dos indivíduos, apresentam, geralmente, uma tipologia das práticas culturais (Brenner, Dayrell e Carrano, 2005; Lopes, 2000).

De modo geral, essa tipologia distingue, inicialmente, dois grandes grupos: práticas culturais e práticas de lazer e entretenimento. Incluem-se, no primeiro caso, a ida a ópera/concerto de música clássica, balé/espetáculo de dança, teatro, cinema, museu/exposição e livraria/biblioteca – considerados práticas de caráter clássico (cultura cultivada). Já as práticas de lazer e entretenimento, também identificadas como

indicadores de uma “cultura das saídas”, incluem: sair com amigos, sair para dançar, sair para almoçar ou jantar fora, frequentar cafés, ir à praia, ir ao *shopping*, ir a eventos esportivos etc., além das atividades que se praticam em casa, como ver televisão, ouvir rádio, ouvir música, ler jornais/revistas em geral.

Os dados levantados pela pesquisa Informações Básicas Municipais (IBGE, 2001), considerando apenas cinco tipos de equipamentos culturais, os associados à expressão da cultura cultivada, revelam que as bibliotecas são os equipamentos com maior presença municipal (79%). Menos da metade dos municípios brasileiros dispõe de livrarias (43%). Já os teatros estão presentes em 19%, os museus em 17% e os cinemas em apenas 8%.

A seguir, apresenta-se o retrato da distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de ser um dos mais importantes centros culturais do país, o Rio não conseguiu ainda dar acesso à cultura de maneira equânime para seus habitantes. No tocante à distribuição de equipamentos culturais associados à expressão da cultura cultivada, a tabela 1 mostra que estão quase todos, no Centro, Zona Sul, Tijuca e Barra – áreas de maior poder aquisitivo.

Tabela 1: Quantidade de museus, centros culturais, teatros, cinemas e bibliotecas na cidade do Rio de Janeiro, por área

	Museus	Centros culturais	Teatros	Cinemas	Bibliotecas
Centro, Zona Sul e Tijuca	59	57	92	55	64
Leopoldina, Madureira, Méier e Ilha	8	4	9	22	10
Jacarepaguá e Cidade de Deus	0	1	0	0	1
Barra da Tijuca	1	0	4	37	0
Campo Grande, Santa Cruz, Bangu e Guaratiba	0	5	2	4	4

Fonte: Levantamento de Eliomar Coelho com base em dados do Instituto Pereira Passos, 2003.

Quando o que está em foco é a oferta de expressões culturais, a insuficiência e a concentração não equânime do equipamento cultural afetam, em especial, as pessoas dos setores menos favorecidos do ponto de vista socioeconômico e cultural. Nas áreas em que residem 75% da população (4.417.793 habitantes) do Rio de Janeiro (Leopoldina, Madureira, Méier, Ilha, Campo Grande, Santa Cruz, Bangu, Guaratiba, Jacarepaguá e Cidade de Deus), existem apenas 73 equipamentos culturais (13% dos equipamentos instalados). Já o Centro, a Zona Sul, a Tijuca e a Barra, onde moram 25% dos cariocas (1.440.111 habitantes), dispõem de 483 aparelhos culturais (87% da

capacidade instalada). Em síntese, os equipamentos associados à expressão da cultura cultivada se concentram nas áreas menos populosas e mais providas de capital cultural.

A importância dos museus na promoção da cultura e os dados referentes à insuficiência e à concentração não equânime dos equipamentos nos levaram a indagar: os museus estão presentes na experiência cultural dos jovens? Este trabalho investiga as características dos jovens e de seu entorno familiar associadas ao aumento ou à diminuição da chance de acesso a museus. Mais especificamente examinamos o potencial explicativo dos capitais econômico, social e cultural.

A primeira parte do trabalho constitui-se de uma concisa revisão da literatura sobre a concepção do conceito de capital dos sociólogos Bourdieu e Coleman. Em seguida, descrevemos o método utilizado. Prosseguimos apresentando a análise descritiva das variáveis consideradas importantes e finalizamos com a discussão do modelo estimado à luz da literatura sobre o tema em questão.

Os capitais econômico, social e cultural

Bourdieu e Coleman introduziram o conceito de capital na análise social para referir-se não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural e social. Embora desenvolvam o conceito de capital em bases teóricas distintas, estes sociólogos compartilham concepções similares, particularmente no que se refere ao conceito de capital econômico. Na seqüência, desenvolvemos os pontos que parecem mais pertinentes para a compreensão dos conceitos de capital econômico, social e cultural destes autores.

Bourdieu (1989) vê o espaço social como um campo de lutas onde os agentes (indivíduos e grupos) elaboram estratégias que permitem manter ou melhorar sua posição social. O capital econômico, sob a forma de distintos fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) é acumulado, reproduzido, e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais.

Por sua vez, Coleman (1988) define o capital econômico como renda e riqueza material e também em termos dos bens e serviços a que o mesmo dá acesso. Este autor vê o capital econômico como uma parte importante da relação que une a origem familiar às diferentes posições socioeconômicas.

Em síntese, a definição de capital econômico utilizada por Coleman é basicamente idêntica àquela utilizada por Bourdieu, ainda que o sociólogo francês

ênfatize os conflitos e a competição dos indivíduos e grupos por posições nos diferentes campos sociais.

Na concepção de capital social sustentada por Bourdieu (1980) destacam-se três aspectos, a saber: os elementos constitutivos; os benefícios obtidos pelos indivíduos mediante sua participação em grupos ou redes sociais e as formas de reprodução deste tipo de capital.

Em relação ao primeiro elemento, Bourdieu (Ibid, p.67) define o capital social como a agregação de recursos atuais ou potenciais, que tem ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento. O segundo elemento diz respeito à quantidade e à qualidade de recursos do grupo. De acordo com este autor, o volume de capital social de um agente individual depende tanto da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar como do volume das diferentes formas de capital que   propriedade exclusiva de cada um dos agentes a quem o indivíduo está ligado. Diretamente relacionada a esta apropriação está, em terceiro lugar, a reprodução do capital social, que é produto do trabalho necessário para produzir as redes de relações duráveis que podem proporcionar os benefícios materiais e simbólicos que circulam entre seus membros.

Coleman (1988, p.98) define o capital social pela sua função, considerando-o uma variedade de diferentes entidades que compartilham aspectos das estruturas sociais facilitadoras de certas ações dos indivíduos. Ele argumenta que o capital social não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, ou seja, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários atores. Isto quer dizer que o capital social não está alojado nem nos próprios atores, nem nos instrumentos físicos de produção: só acontece nas relações entre as pessoas e por meio de trocas que facilitam a ação de indivíduos ou grupos.

Nessa perspectiva, Coleman especifica três aspectos da estrutura social: (i) as obrigações, as expectativas e a confiabilidade das estruturas; (ii) os canais de informação; e (iii) as normas e sanções efetivas. Tais aspectos influenciam a qualidade das relações formadas nos grupos sociais, facilitando, especialmente, o engajamento das pessoas na troca de recursos, na assistência mútua e na demonstração de empatia com os interesses dos outros.

Enquanto Bourdieu enfatiza os conflitos e as lutas concorrenciais entre indivíduos e grupos pelos diferentes espaços de poder, Coleman destaca os meios pelos quais os diferentes grupos sociais trabalham em conjunto e as relações de reciprocidade

e de confiança estabelecidas entre seus membros. Provavelmente, as diferenças existentes entre estas duas perspectivas contêm, de maneira implícita, parte das razões que tanto levam Bourdieu a relativizar o papel da família na mobilização de capital social como levam Coleman a enfatizar as relações internas à família enquanto uma das principais fontes de mobilização deste tipo de capital.

O sociólogo americano compartilha a perspectiva que aborda o papel das famílias na construção de capital social sob dois ângulos. O primeiro focaliza o papel das famílias na construção de capital social extrafamiliar. O segundo examina a construção do capital social no interior das redes familiares e a importância disto para o desenvolvimento individual de seus membros, especialmente para o desempenho escolar e cognitivo dos filhos. A segunda abordagem lança luz sobre os contextos tipicamente privados, informais, intensos e duráveis das relações familiares, nos quais acontecem as interações face a face.

Enredado na malha familiar está o conceito de capital cultural de Bourdieu (1979). No seu entendimento, este tipo de capital pode existir sob três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O capital cultural no seu estado incorporado constitui o componente do contexto familiar que atua de forma mais marcante na definição do futuro escolar da prole, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta trazida de casa (herança familiar) facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares.

No estado objetivado, o capital cultural existe sob a forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros, etc. Para possuir os bens econômicos na sua materialidade, é necessário ter simplesmente capital econômico, o que se evidencia na compra de livros, por exemplo. Todavia, para apropriar-se simbolicamente destes bens, é necessário possuir os instrumentos desta apropriação e os códigos necessários para decifrá-los, ou seja, é necessário possuir capital cultural no estado incorporado.

Por último, o capital cultural institucionalizado ocorre basicamente sob a forma de títulos escolares. O grau de investimento na carreira escolar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com o título escolar, notadamente no mercado de trabalho.

A definição de Bourdieu de capital cultural institucionalizado guarda comunalidades com a definição de capital humano de Coleman. Este último considera que o capital humano é medido aproximadamente pelo nível de instrução das pessoas. No caso das famílias, o capital humano é potencialmente importante para proporcionar um ambiente

cognitivo propício à aprendizagem escolar da criança. Em função do recorte do presente trabalho, o conceito de capital humano desenvolvido por Coleman tem relevância relativamente pequena. Contrariamente, o conceito de capital cultural elaborado por Bourdieu é mais amplo e complexo, tendo maior centralidade neste estudo.

Método

Questões de pesquisa

- Quais são as chances de acesso dos jovens a museus ou instituições culturais afins?
- Quais são as características familiares que estão associadas ao aumento ou à diminuição dessas chances?

Nossa hipótese é que a possibilidade dos jovens terem acesso a museus está relacionada com os capitais social e cultural com que eles podem contar. E, do ponto de vista familiar, o capital social mobilizado para dar apoio aos jovens depende não apenas do nível socioeconômico, mas da estrutura familiar e do volume de capital cultural.

Dados

Os dados utilizados são referentes a um questionário contextual auto-administrado, aplicado aos jovens. Acessados via escola, foram escolhidos os jovens da oitava série do ensino fundamental, porque esta série corresponde ao fechamento de um ciclo. Eles foram selecionados a partir de uma amostra de escolas urbanas situadas no município do Rio de Janeiro. O plano amostral foi baseado em amostragem probabilística complexa, envolvendo estratos, conglomerados e pesos amostrais. A amostra final foi composta por 48 escolas (25 municipais e 23 particulares), 80 turmas de oitava série e 2.298 alunos.

Foram priorizadas as questões que solicitavam o nome dos museus visitados ao longo da vida, as de caráter sociodemográfico e, fundamentalmente, as que se baseiam em trocas materiais e simbólicas (capitais econômico, social e cultural).

Cabe lembrar que, em primeira instância, foram consideradas como instituição cultural afim a museu espaços como jardim botânico, reserva florestal, zoológico e planetário que já são contemplados pela definição de museu presente nos estatutos do Comitê Brasileiro do Comitê Internacional de Museus. Além disto, ampliou-se este entendimento para outros espaços culturais, como centro cultural, teatro municipal e biblioteca nacional. Pelo fato de os jovens mencionarem que visitam jardim botânico e

zoológico com a família, não somente com a escola – visita agendada com objetivos educacional-pedagógico e cultural –, optou-se por dividir os museus visitados pelos alunos ao longo da vida em dois grupos: amplo e restrito. O amplo engloba os museus de qualquer temática, incluindo jardim botânico e zoológico. O restrito engloba todos, com exceção destes dois últimos espaços. Tal divisão possibilitou uma análise mais precisa do acesso a museus, visto que locais como jardim botânico e zoológico são atrativos e assumem, dependendo do contexto, um caráter de prática de lazer e entretenimento.

Abordagem analítica

A abordagem analítica deste estudo baseou-se em duas lógicas: descrição e explicação. A primeira engloba a discussão da estatística descritiva, ou seja, as análises bivariadas. A lógica da explicação busca compreender as relações empíricas entre duas variáveis por meio da introdução controlada de variáveis adicionais. Foi estimado um modelo de regressão logística binária e ordinal para a promoção do acesso a museus.

No modelo de regressão logística a probabilidade de ocorrência de um evento é estimada a partir de uma combinação particular dos efeitos de um conjunto de fatores, representados pelas medidas dos valores das variáveis presentes no modelo. Os efeitos de cada um dos fatores são determinados pelos valores assumidos por parâmetros associados às variáveis independentes ou explicativas. Estes parâmetros são calculados de forma a garantir o melhor ajuste entre as probabilidades previstas pelo modelo e as ocorrências de cada variável incluída no modelo.

Uma possibilidade de interpretação dos parâmetros é a que indica a exponenciação do coeficiente ($exp\beta$) associado a cada uma das variáveis explicativas. Representa a razão de chance (*odds ratio* – OR) e “indica como as chances de ocorrência de um evento se modificam quando se transita entre diferentes categorias de um mesmo fator, sendo a categoria de partida o nível adotado como nível de referência” (Bonamino, Franco e Fernandes, 2002, p.27). Caso a *odds ratio* assumira o valor 1, a chance de acesso a museus não sofre alteração na presença de um dado fator. Caso assumira valores maiores que a unidade, a chance sofre um aumento. E se o valor assumido é menor do que 1, a chance sofre uma redução. Ou seja, valores positivos dos coeficientes (o que equivale a $exp\beta > 1$) indicam maiores chances de acesso a museus e valores negativos (o que equivale a $exp\beta < 1$) indicam o contrário.

A promoção do acesso a museus: estudo exploratório a partir dos dados do contexto familiar

Nesta seção são apresentados os resultados da relação entre certas características do aluno e de seu contexto familiar e a visita a museus. A variável dependente utilizada é *visita museu_qualquer temática restrito* (variável dicotômica: indica se o aluno visitou museu ao longo da vida; modificação da variável de contagem número de museus visitados: mínimo=0 e máximo=8; não engloba jardim botânico e zoológico por razões já discutidas acima).

As variáveis explicativas relacionadas às características dos estudantes que foram selecionadas para a análise bivariada incluem gênero, interesse em assuntos sociocientíficos e prática cultural (as duas últimas estão associadas ao capital cultural). Já as relacionadas a seu entorno incluem: composição familiar; escolaridade familiar; disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar; diversidade de leitura dos pais ou responsáveis (as três últimas associadas ao capital cultural); diálogo familiar (associada ao capital social baseado na família) e posse de bens materiais (associada ao capital econômico).

Com relação ao gênero, apuramos que o percentual de visita a museus entre as meninas é maior do que entre os meninos: 83% e 73%, respectivamente (**Gráfico 1**).

Indagamos aos estudantes sobre a frequência (*não, raramente, quase sempre e sempre*) com que nos últimos 12 meses (2003) utilizaram jornais, programas de televisão, filmes, revistas e/ou livros e Internet para se informarem sobre assuntos sociocientíficos. Para este estudo foi selecionada a variável *leitura de jornais sobre assuntos científicos* e recodificadas as categorias de resposta de forma a assumir valor um quando o aluno informa que nos últimos 12 meses utilizou este meio e valor zero para o caso contrário.

O **Gráfico 2** mostra que o percentual de alunos que visitaram museus ao longo da vida é maior entre aqueles que lêem nos jornais matérias sobre assuntos científicos do que entre os que não lêem: 81% e 66%, respectivamente.

Um indicador de prática cultural¹ foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a frequência (*não, 1 a 2 vezes, 3 a 4 vezes e mais de 4 vezes*) com que nos últimos 12 meses (2003) foram a cinema, teatro, ópera ou concerto de música clássica, balé ou espetáculo de dança, show de música, livraria e biblioteca fora da escola. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *prática cultural* com três categorias: baixa, média e alta.

¹ Obtido com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI) Não Paramétrica, forma generalizada da escala de Mokeen para itens dicotômicos (Molenaar, 1997).

O **Gráfico 3** mostra que o percentual de estudantes que visitaram museus é bem maior entre aqueles cuja prática cultural está acima da média (90%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (64%).

Gráfico 1: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo o gênero

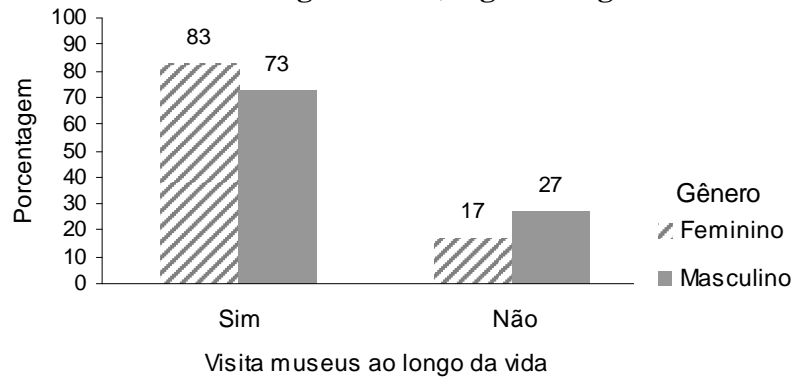


Gráfico 2: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a leitura de jornais sobre assuntos científicos

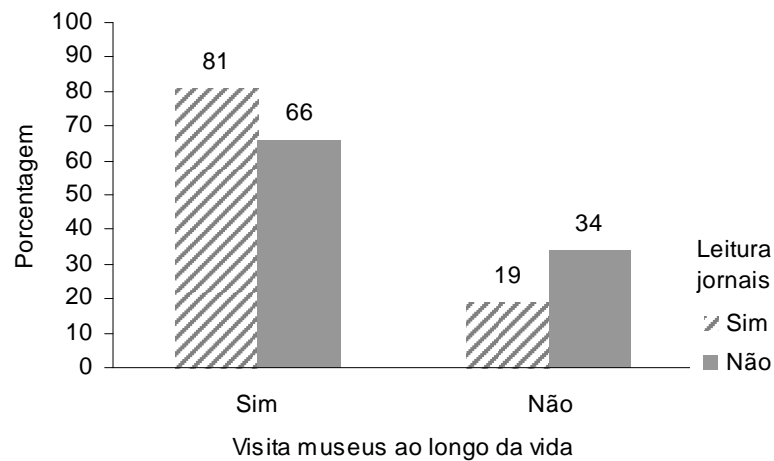
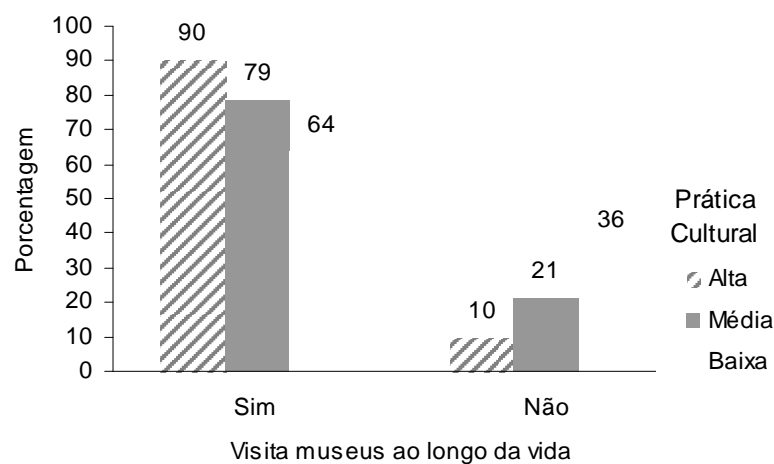


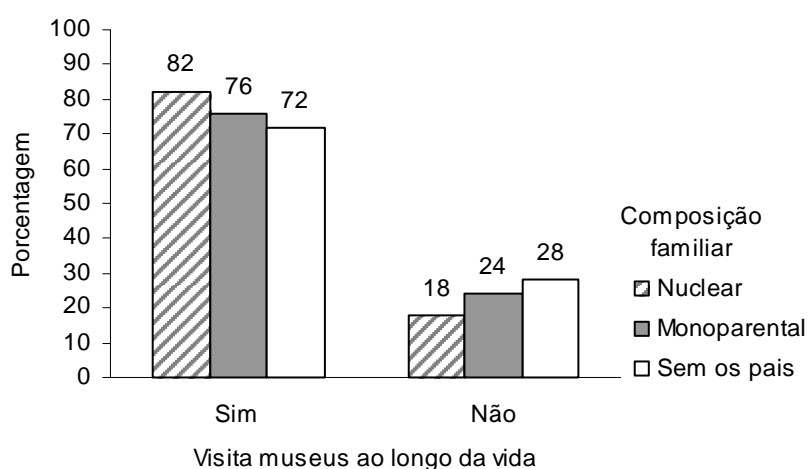
Gráfico 3: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a prática cultural



A seguir apresentamos os resultados, envolvendo as variáveis explicativas associadas às características do contexto familiar dos estudantes.

Para conhecermos a estrutura familiar, utilizamos as respostas dos alunos à pergunta “quem mora na sua casa com você” e estabelecemos as seguintes categorias: *nuclear*, *monoparental* e *sem os pais*. No **Gráfico 4** verificamos que o percentual de visita entre os alunos cuja composição familiar é do tipo nuclear (82%) é maior, em comparação com os que possuem arranjo familiar do tipo monoparental (76%) e sem os pais (72%).

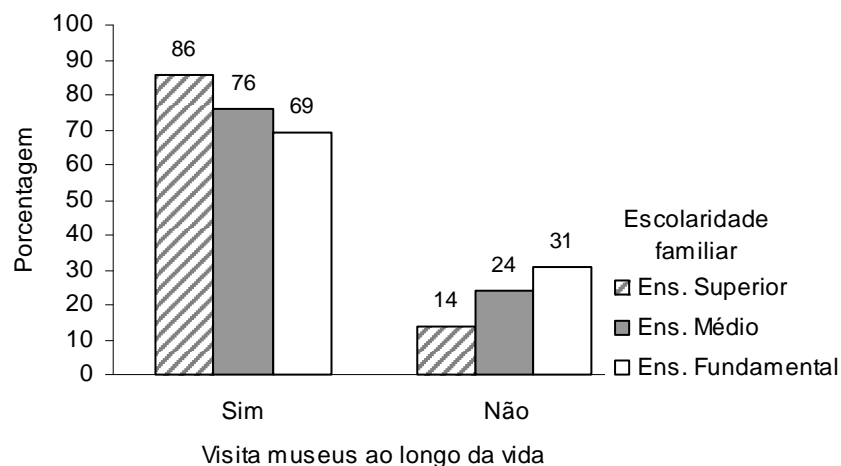
Gráfico 4: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a composição familiar



A escolaridade familiar é um dos aspectos mais recorrentes dos diferentes tipos de capital que inúmeros estudos quantitativos têm se empenhado para operacionalizar. Foi solicitado aos estudantes que respondessem sobre *até que série sua mãe ou responsável estudou* e sobre *até que série seu pai ou responsável estudou*. A partir destes itens foi criado o indicador de escolaridade familiar, isto é, o número mais alto entre os anos de estudo da mãe e do pai. As variáveis, *escolaridade do pai* e *escolaridade da mãe*, foram recodificadas da seguinte forma: 1 – estudou até 8ª série (EF); 2 – estudou até 3ª série (EM) e 3 – estudou até ensino superior.

Constatamos (**Gráfico 5**) que o percentual de visita entre os estudantes cuja família tem ensino superior (86%) é maior, comparado com os que estão inseridos em contextos nos quais a escolaridade familiar se restringe ao ensino médio (76%) e fundamental (69%).

Gráfico 5: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a escolaridade familiar



Um indicador de disponibilidade de recursos educacionais/culturais foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a existência nas suas casas de jornal diário, jornal de fim-de-semana, revista de informação geral, enciclopédia, Atlas, dicionário, acesso à Internet, programas educativos de computador, livros de literatura, CD de música clássica, CD de música brasileira e instrumentos musicais. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando em uma variável com três categorias: baixa, média e alta.

Apuramos (**Gráfico 6**) que o percentual de estudantes que visitaram museus é bem maior entre aqueles que dispõem em suas casas desse tipo de recurso (89%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (67%).

Indagamos aos estudantes sobre a frequência com que, nos últimos 2 meses (os questionários foram aplicados entre 23/03 e 07/07 de 2004), viram seus pais ou responsáveis lendo jornal, revistas, bíblia ou outros livros sagrados, livros de literatura e poesia. Um indicador de diversidade de leitura foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os diferentes meios de comunicação impressos que pais ou responsáveis lêem. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *diversidade de leitura dos pais* com três categorias: baixa, média e alta.

Observamos (**Gráfico 7**) que o percentual de visita entre os estudantes cujos pais ou responsáveis possuem diversidade de leitura acima da média é alto (88%). Já entre aqueles cujos pais possuem baixo nível de diversidade de leitura, o percentual cai para 68%.

Gráfico 6: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a disponibilidade de recursos educacionais/culturais em suas residências

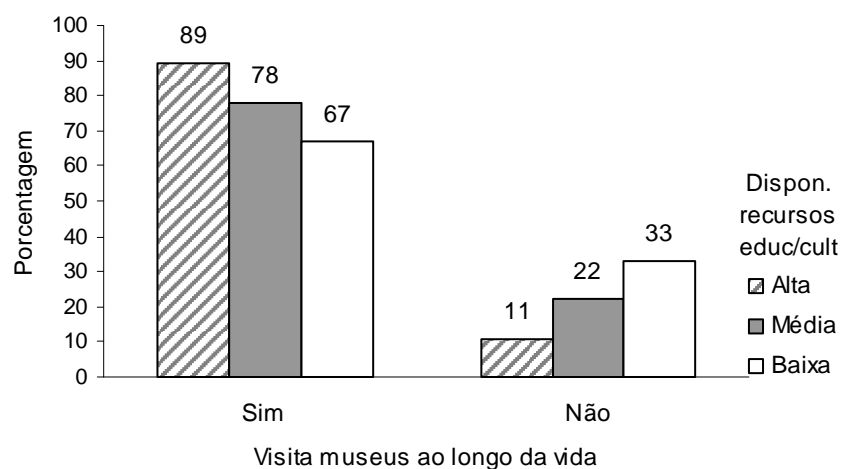
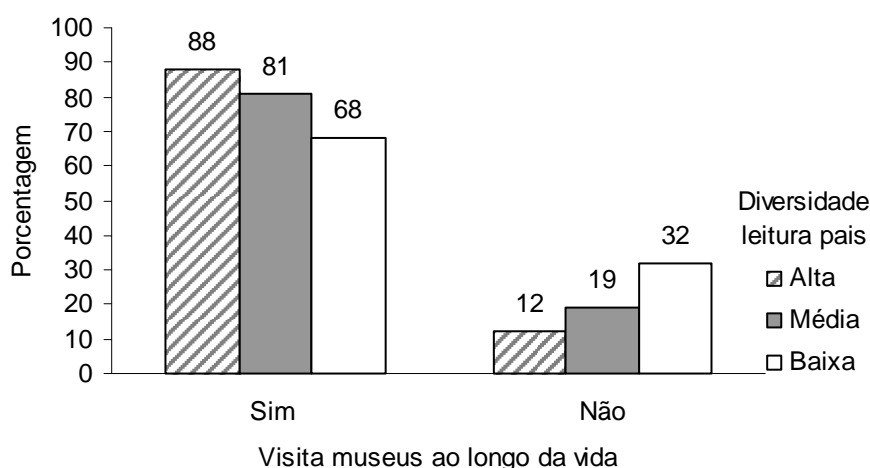


Gráfico 7: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a diversidade de leitura dos pais

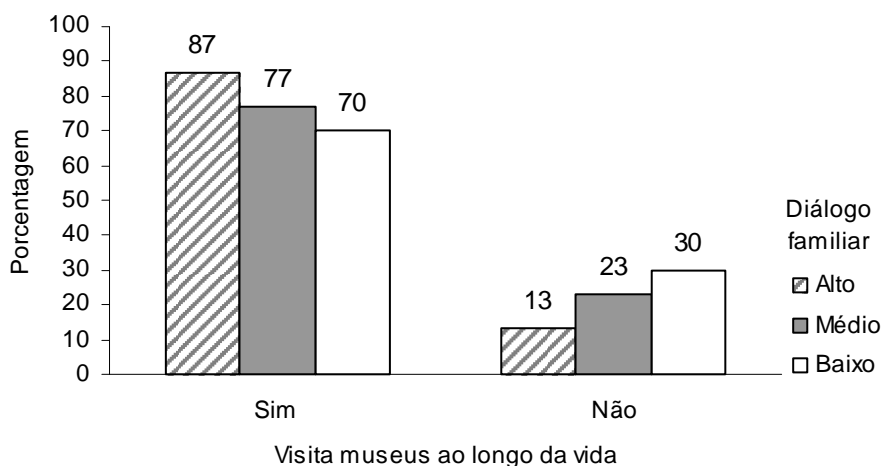


As variáveis presentes no questionário dos alunos que foram utilizadas, neste estudo, para investigar os atributos do capital social baseado na família estão associadas ao diálogo com os filhos. Indagamos aos estudantes sobre a frequência (*nunca, raramente, quase sempre e sempre*) com que seus pais conversam com eles: sobre livros, sobre filmes, sobre programas de televisão; sobre outros assuntos, sobre a continuidade de seus estudos e sobre sua futura profissão.

Um indicador de diálogo familiar foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os tipos de assunto que conversam com os pais ou responsáveis. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *diálogo com os filhos* com três categorias: baixa, média e alta.

O **Gráfico 8** mostra que o percentual de alunos que visitaram museu é maior entre aqueles cujo diálogo familiar está acima da média (87%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (70%).

Gráfico 8: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo o diálogo familiar

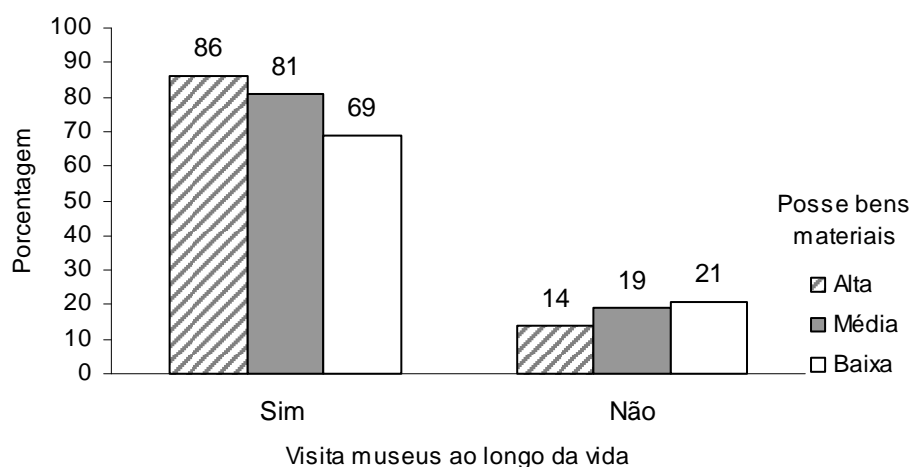


O capital econômico é usualmente mensurado por meio da renda ou riqueza familiar, assim como pela situação de bem-estar material dos domicílios expressa pelas condições de moradia. Há comprovações de que é inapropriado perguntar para alunos de 8ª série do ensino fundamental sobre a renda familiar, uma vez que as respostas são imprecisas. Indagamos, então, sobre a existência e/ou disponibilidade (*não dispõe, dispõe de 1, 2 e 3 ou mais*), em suas residências, dos seguintes itens: banheiro, rádio, televisão, videocassete ou DVD, computador, telefone fixo, celular, máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça e automóvel.

Um indicador foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a posse desses tipos de bem. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *posse de bens materiais* com três categorias: baixa, média e alta.

O **Gráfico 9** evidencia que o percentual de estudantes que visitaram museus é maior entre aqueles cujas famílias dispõem de bens materiais acima da média (86%), em comparação com os que possuem esse indicador abaixo da média (69%).

Gráfico 9: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a posse de bens familiar



A promoção do acesso a museus: modelagem

Nesta seção são apresentados e discutidos os resultados da estimação do modelo de regressão logística binária e ordinal. Estes resultados são expressos em termos da *odds ratio* (OR ou $\exp\beta$) entre um determinado fator e a sua categoria de referência, controlado pelos outros fatores presentes.

A tabela 2 apresenta, simultaneamente, os coeficientes estimados por ambos os modelos de regressão (binária e ordinal), com as variáveis dependentes² e as explicativas selecionadas.

Tabela 2: Modelo de regressão para a promoção do acesso a museus

Tipos Capital	Variáveis Explicativas	Variável Dependente Binária	Variável Dependente Ordinal
		Visita museu (qualquer tema restrito)	Número museus visitados (qualquer tema restrito)
Gênero	Feminino (referência)	–	–
	Masculino	0,619****	0,567****
Composição familiar	Família sem os pais (referência)	–	–
	Família nuclear	1,131 (ns)	1,422***
	Família monoparental	0,889 (ns)	1,398**
Capital Econômico	Posse de bens familiar	1,042 (ns)	1,051 (ns)

² Variável dependente ordinal (0, 1, 2, 3, 4 e 5 – visitou mais de 4 museus): modificação da variável de contagem número de museus visitados: mínimo=0 e máximo=8; não engloba jardim botânico e zoológico).

Capital Social	Diálogo familiar	1,239****	1,151***
	Escolaridade familiar		
	Até 8ª série EF (referência)	–	–
	Até ensino médio	0,939 (ns)	0,969 (ns)
	Até ensino superior	1,237 (ns)	1,560****
Capital Cultural	Disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar	1,361****	1,441****
	Diversidade de leitura dos pais	1,081 (ns)	1,084*
	Leitura de jornais (assuntos científicos)		
	Não (referência)	–	–
	Sim	1,658****	1,636****
	Prática cultural dos alunos	1,445****	1,315****

Legenda: (****) p-valor $\leq 0,001$; (***) p-valor $\leq 0,010$; (**) p-valor $\leq 0,050$; (*) p-valor $\leq 0,100$; (ns) resultado não significativo, com p-valor $> 0,100$.

■ *Gênero*

Tanto na regressão binária como na ordinal, as chances de acesso a museus dos estudantes do gênero masculino são menores que a dos estudantes do sexo feminino (OR = 0,619 e 0,567; ambos significativos a 0,1%).

Existem estudos nacionais na área educacional que analisam e discutem os efeitos da variável gênero. Considerando a 8ª série, estudantes do sexo masculino têm maiores chances de repetir do que as alunas mulheres. Estes estudos dizem que os resultados favoráveis às meninas podem estar relacionados com algumas dimensões específicas da cultura da escola fundamental.

Nos estudos que traçaram o perfil do público visitante de alguns museus situados na cidade do Rio de Janeiro (Museu Nacional de Belas Artes, Museu da República, Centro Cultural do Banco do Brasil e Museu da Vida), os achados mostram que a proporção de visitantes do sexo feminino é maior do que a do masculino.

O fato de as chances de acesso a museus serem maiores para as meninas do que para os meninos, provavelmente está relacionado com situações de vida e processos sociais que reafirmam a inserção em expressões culturais distintas.

■ *Composição familiar*

Para a análise do arranjo familiar no qual os alunos estão inseridos, a categoria de referência foi *famílias sem os pais*. Observando os parâmetros encontrados na

regressão ordinal, constatamos que os estudantes que pertencem tanto às famílias nucleares (OR = 1,422; significativo a 1%) como às monoparentais (OR = 1,398; significativo a 5%) têm chances de acesso a museus maiores que os inseridos em arranjos familiares sem os pais.

Vimos que para Coleman (1988) a família é rede chave na construção do capital social, o qual se traduz na força das relações entre pais e filhos. Deste modo, famílias nas quais os pais vivem juntos e concedem atenção especial às crianças e aos jovens podem não só acompanhar cotidianamente a escolarização dos filhos, mas criar um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extra-escolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural. Este contexto promove um apoio sociocultural capaz de aumentar as chances de acesso a museus.

■ *Posse de bens familiar*

No estudo exploratório vimos que a proporção de estudantes que visitaram museus é maior entre aqueles cujas famílias dispõem de bens materiais acima da média (86%). No entanto, os resultados encontrados na regressão binária e na ordinal (OR = 1,042 e OR = 1,051) indicam que as chances de acesso a museus não sofrem alterações em função da presença de capital econômico no meio familiar.

Uma explicação admissível é que outras formas de capital contribuem diretamente e interagem com o capital econômico para fortalecer esta associação. Nesta perspectiva, contextos familiares que possuem outras formas de capital como alto nível educacional e fortes laços sociais podem ter uma inserção na cultura legitimada, promovendo o acesso dos jovens a museus.

■ *Diálogo familiar*

Os parâmetros relativos ao diálogo com os filhos, tanto na regressão binária (OR = 1,239; significativo a 0,1%) como na ordinal (OR = 1,151; significativo a 1%) mostram resultados esperados. Ou seja, as chances de acesso a museus são maiores para os estudantes inseridos em contextos familiares nos quais pais conversam com os filhos.

Vimos que no entendimento de Coleman (1988), os contextos tipicamente privados, informais, intensos e duráveis das relações familiares são preponderantes para a estruturação do capital social baseado na família. Vimos também que o conceito de capital cultural de Bourdieu (1979) está enredado na malha familiar. Considerando as conversações entre pais e filhos, notadamente, aquelas cujos assuntos predominantes

são programas de TV, filmes e livros, podemos dizer que elas indicam uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural, adensando as trocas simbólicas entre as duas gerações.

Jovens estudantes que usufruem um ambiente familiar pleno dessas interações têm maiores chances de acesso a expressões culturais como museus, em comparação com aqueles inseridos em ambientes nos quais predominam a ausência de diálogo familiar e outras carências.

■ *Escolaridade familiar*

Com relação ao efeito da escolaridade familiar, podemos notar (considerando os parâmetros encontrados na regressão ordinal) que os alunos cujos pais cursaram até o ensino superior (OR = 1,560; significativo a 0,1%) apresentam chances de acesso bem maiores do que os alunos cujas famílias têm escolaridade até a 8ª série do ensino fundamental (categoria de referência). O valor encontrado para o ensino médio (OR = 0,969) indica que as chances de acesso a museus não sofrem alterações em sua presença.

Bourdieu (1978) destaca, por um lado, os efeitos dos processos sutis de seleção escolar que valorizam as heranças culturais familiares, sejam de informação escolar, de saberes não escolares, do uso da linguagem ou das preferências artísticas e culturais, de tal forma que as desigualdades de origem social são replicadas e legitimadas na instituição escolar. Por outro lado, os efeitos dos diferentes níveis de motivação familiar para o investimento na escolarização, baseados em um sistema de valores que antecipa as diferentes possibilidades de êxito e de ascensão social provenientes deste investimento, determinaria as escolhas em relação às trajetórias escolares em função das expectativas familiares.

Concluimos, então, que contextos familiares que possuem capital cultural institucionalizado elevado estão mais aptos a propiciar à sua prole um ambiente cognitivo dotado de recursos relacionados à informação, cultura e relações sociais. Portanto, são nítidos seus efeitos significativos no aumento das chances de acesso a expressões culturais como museus.

■ *Disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar*

Os resultados encontrados na regressão binária (OR = 1,361; significativo a 0,1%) e na ordinal (OR = 1,441; significativo a 0,1%) indicam que a disponibilidade de

recursos educacionais/culturais no contexto familiar é um fator que aumenta as chances de acesso a museus.

Do ponto de vista de Bourdieu (1979), ambientes dotados de bens educacionais/culturais (capital cultural objetivado, transmissível na sua materialidade, mas que necessita, para a sua apropriação, de um volume homólogo de capital cultural incorporado) possibilitam que neles seja exercida uma ação tanto educativa como cultural. Do ponto de vista de Coleman (1988), a disponibilidade de recursos educacionais/culturais no ambiente familiar e, principalmente, o movimento para a sua aquisição revela a mobilização da rede de apoio social imbricada nas relações familiares, que proporciona um ambiente cognitivo favorável ao desenvolvimento dos filhos.

Os pressupostos desses sociólogos nos dão suporte para confirmar nossos resultados. Ou seja, disponibilizar e mobilizar recursos dessa natureza são significativos no aumento das chances de acesso dos jovens estudantes a museus.

■ *Diversidade de leitura dos pais*

No estudo exploratório apuramos que a proporção de estudantes que visitaram museus é maior entre aqueles cujos pais possuem diversidade de leitura acima da média (88%). No entanto, os resultados encontrados na regressão binária e na ordinal (OR = 1,081 e OR = 1,084; significativo a 10%) indicam que as chances de acesso a museus não sofrem alterações em função da presença deste fator.

Se essa dimensão do capital cultural familiar não é significativa para o aumento das chances de acesso a museus, vimos que outras formas deste capital viabilizam o acesso.

■ *Leitura de jornais*

Tanto na regressão binária como na ordinal, as chances de acesso às instituições museológicas dos estudantes que lêem jornais para adquirir informações sociocientíficas são maiores do que para aqueles que não lêem (OR = 1,658 e 1,636; significativos a 0,1%).

Esses resultados confirmam a relevância da leitura no aumento das chances de acesso a museus. Um contexto familiar no qual pais ou responsáveis lêem frequentemente na frente dos filhos e têm uma leitura diversificada é um diferencial no sentido de criar condições que possam facilitar o desenvolvimento do hábito de leitura dos jovens. Em outras palavras, o alto capital literário familiar incide diretamente nas possibilidades de consolidação da prática de leitura como hábito juvenil. Ambientes dotados de condições

associadas à informação, cultura e relações sociais explicam significativamente o aumento das chances de acesso a museus.

■ *Prática cultural*

Os resultados encontrados tanto na regressão binária como na ordinal (OR = 1,445 e OR = 1,315; significativos a 0,1%) indicam que jovens estudantes que possuem prática cultural (cultura cultivada) acima da média apresentam chances maiores de acesso a museus.

DiMaggio (1982) considera que o gosto pela alta cultura, por exemplo, facilita as relações entre pessoas com um elevado *status* social, o que poderá ser útil às intenções de quem se encontra em uma trajetória de mobilidade ascendente. Este autor desenvolveu estudos que demonstram que os estudantes americanos familiarizados com os rituais da alta cultura se encontram associados a elevados níveis de sucesso escolar e ao estabelecimento de conversas sobre seu destino profissional, com adultos bem posicionados no mercado de trabalho.

Comentários finais

Uma das conclusões marcantes, do ponto de vista do contexto familiar, guarda estreita relação com a mobilização das redes de apoio social promovidas em seu interior, ou seja, capital social familiar – expresso no diálogo com os filhos. Isto confirma os pressupostos de Coleman a respeito da importância da qualidade da rede intrafamiliar. Também os pressupostos de Bourdieu referentes ao conceito de capital cultural, enredado na malha familiar, na qual as conversações entre pais e filhos indicam uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural, adensando as trocas simbólicas entre as duas gerações.

Desse modo, o capital social baseado na família somado ao capital cultural no estado incorporado (leitura nos jornais de matérias sobre assuntos sociocientíficos e prática cultural), institucionalizado (escolaridade familiar) e objetivado (disponibilidade de recursos educacionais/culturais) tem efeitos bastante significativos no aumento das chances de acesso dos jovens a museus ou instituições culturais afins.

Referências Bibliográfica

- BONAMINO, A.; FRANCO, C.; FERNANDES, C. (2002) *Repetência escolar e apoio social familiar: um estudo a partir dos dados do SAEB 2001*. PUC-Rio/LAED/INEP: Relatório Técnico.
- BOURDIEU, P. (1978) Classificação, desclassificação, reclassificação. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., 2001. Petrópolis, RJ: Vozes, p.145-183.
- BOURDIEU, P. (1979) Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., 2001. Petrópolis, RJ: Vozes, p.73-79.
- BOURDIEU, P. (1980) O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., 2001. Petrópolis, RJ: Vozes, p.65-69.
- BOURDIEU, P. (1989) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. (2005) Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, p.175-214.
- COELHO, E. (2005) *A cultura merece respeito* (encarte). Rio de Janeiro.
- COLEMAN, J. S. (1988) Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v.94, p.S95-S120.
- DIMAGGIO, P. (1982) Cultural capital and school success: the impact of status culture participation on the grades of US high school students. *American Sociological Review*, v.47, n.2 (Apr.), p.189-201.
- GARCÍA CANCLINI, N. (2000) *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- IBGE. (2001) *Informações Básicas Municipais* (MUNIC). www.ibge.gov.br.
- LOPES, J. T. (2000) *A cidade e a cultura: um estudo sobre as práticas culturais urbanas*. Portugal/Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto.
- ORTIZ, R. (2000) *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.